

# Diferentes percepções da pesquisa histórica

*Different perceptions of the historical research*

FUNARI, Pedro Paulo A.; CARVALHO, Margarida Maria de; JOSÉ, Natália Frazão (Org.). *Diversidades epistemológicas: a teoria aplicada à pesquisa histórica*. Curitiba: Prismas, 2016. 401 p.

**Janira Feliciano Pohlmann\***

---

Recebido em: 25/09/2017  
Aprovado em: 02/11/2017

S abemos o quanto refletir sobre o ofício do historiador é imprescindível para a escrita da História. Afirmação clichê? Ao menos deveria ser. Revemos pontos de vista, releemos documentos, elaboramos novas perguntas, questionamos conceitos e nos apropriamos de outros. Ações benéficas para a organização de nossas formas de compreender e registrar o que se passou e que, por isso, deveriam fazer parte do cotidiano de qualquer historiador.

Neste ano, iniciei um projeto de pesquisa, em que revisitarei documentos com os quais já trabalhei e examinarei um *corpus* novo para mim. Diferentes perguntas guiam meu olhar quando analiso a documentação e levam-me a buscar outras maneiras de ler e entender os discursos (escritos e imagéticos) propostos em um passado distante. A prática de pensar meu ofício é, sim, rotineira para mim, porém ela exige ainda mais da minha atenção quando começo novos projetos.

Em minha procura, encontrei o livro *Diversidades epistemológicas: a teoria aplicada à pesquisa histórica*, organizado pelo historiador e arqueólogo Pedro Paulo Funari, e pelas historiadoras Margarida Maria de Carvalho e Natália Frazão José. A obra é resultado de um curso de pós-graduação recentemente ministrado na Universidade Estadual Paulista (UNESP/Franca) e que tinha por objetivo discutir questões epistemológicas da teoria da História. Reúne dezenove trabalhos, sendo quinze de pesquisadores brasileiros e

---

<sup>1</sup> Pós-doutoranda em História pela Universidade Estadual Paulista (Unesp/Franca). Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), processo nº 2016/20942-9.

quatro de pesquisadores estrangeiros de relevância quando tratamos de compreender as relações entre passado e presente: Neil Silberman, Roger Chartier, Joan Scott e Carlo Ginzburg. Companhias perfeitas para minhas revisões teóricas.

No primeiro capítulo, Neil Asher Silberman percorre a fábula do herói-arqueólogo, revestida por uma áurea de aventura moralizante, até a vinculação da Arqueologia a empreitadas imperiais mais amplas, no final do século XVIII e início do XIX. Ao articular narrativas arqueológicas do passado e do presente, o autor afirma que, inevitavelmente, a Arqueologia possui uma dimensão política e o nacionalismo é apenas uma destas facetas, como o colonialismo e o imperialismo, por exemplo. Portanto, os acadêmicos devem saber como analisar estes elementos e não tentar extirpá-los da disciplina.

Roger Chartier verifica como a escrita da história está vinculada à política e à relação subjetiva entre passado e presente, no capítulo *Novas pesquisas sobre o período inicial da História Moderna Francesa*. Noção também defendida por Neil Silberman, no caso da arqueologia, e por Joan Wallach Scott nos trabalhos selecionados para esta obra. Scott sugere, ainda, que é possível haver parcerias entre história e psicanálise para se estudar o passado. Ressalta, entretanto, que não há uma solução simples para ajustar os descompassos entre estas duas ciências.

Os trabalhos de Airton Pollini, Nathalia Monseff Junqueira e Natália José Frazão partem de análises muito diferentes das *Histórias* de Heródoto para refletir sobre a historiografia. Airton Pollini percebe como a etnografia, a história como pesquisa e gênero narrativo, e o estudo da classificação alimentar, entre outros elementos, foram importantes para Heródoto informar aos gregos quem eram os povos bárbaros, aqueles que agiam diferentemente dos gregos. Neste caminho, Pollini defende a necessidade de pensarmos as disciplinas das humanidades de forma mais ampla, para além das restrições didáticas que impõem fronteiras entre estas ciências. Já sob o olhar da “Nova História Cultural”, fortalecida por Lynn Hunt e Peter Burke, e dos estudos das representações de Roger Chartier, Junqueira contrapõe as *Histórias* de Heródoto a cerâmicas áticas para estudar regras de comportamento impostas às mulheres gregas. Por sua vez, Natália Frazão José compara as narrativas de Heródoto, Tucídides e Veléio Patérculo e percebe como a escrita da História era múltipla já na Antiguidade. Assim como Pollini, a autora destaca a interdisciplinaridade inerente ao gênero histórico. Em três capítulos de um mesmo livro, comprovamos como um único documento, as *Histórias* de Heródoto, podem gerar historiografias singulares e, ao mesmo tempo, complementares.

Mais particularidades são notadas nos textos de André Luiz Cruz Tavares, Dominique Monge Rodrigues Souza, Helena Amália Papa e Daniel de Figueiredo, que partem dos conceitos de cultura política e representação para analisar diferentes períodos

da Antiguidade. Em parceria, André Luiz Cruz Tavares e Dominique Monge Rodrigues Souza lançam luzes sobre os “intelectuais” na Antiguidade Clássica. Os autores defendem que a categorização “intelectuais”, aplicada a homens de saber do final do século XIX por Norberto Bobbio, pode se adequar a senadores romanos da época clássica. Helena Amália Papa, por sua vez, analisa as representações discursivas dispostas em documentos de Basílio de Cesareia e Gregório de Nissa, que vinculam práticas políticas e religiosas na Antiguidade Tardia. Com os olhos também postos sobre conflitos político-religiosos na Antiguidade Tardia, Daniel de Figueiredo examina as epístolas do bispo Cirilo de Alexandria e destaca a fluidez entre política e religião.

Identidade cultural, retórica e memória são trazidas à baila por Ana Teresa Marques Gonçalves para analisar as *Homilias* de Basílio de Cesareia e verificar os argumentos que identificavam cristãos e gentios, sendo os cristãos responsáveis pela ordenação no mundo.

Bruna Campos Gonçalves revisita as teorias historiográficas de Walter Benjamin, Carlo Ginzburg e Keith Jenkins e, em seguida, as aplica, de forma crítica, em seus estudos da *História* de Amiano Marcelino e dos *Discursos políticos*, de Temístio. Questões como a verdade em História e a História como discurso são problematizadas pela autora para demonstrar a constante redescoberta de formas de se escrever histórias.

Em seu capítulo, Gilvan Ventura da Silva chama a atenção dos historiadores para investigações a respeito do corpo. O autor percorre teorias e ciências que trataram do corpo, que fabricaram culturalmente o corpo e convida os historiadores a colocar este objeto de estudo em suas pautas. Lamenta que ainda estejamos muito longe da consolidação de uma História do Corpo e dos conhecimentos que esta área pode suscitar sobre o passado.

Rafael Afonso Gonçalves examina as rupturas e as continuidades entre as histórias de viagens antigas e medievais. Seu olhar se volta, especialmente, ao papel do testemunho e à percepção do mundo físico apresentadas por Heródoto e Aristóteles e reelaboradas por viajantes medievais.

Coube a Cláudio Umpierre Carlan trazer a este livro a iconografia e simbologia para o estudo da imagem como fonte histórica. Já as contribuições da filosofia de Paul Ricoeur foram ressaltadas por Donald de Assis Borges. O autor defende que as noções de hermenêutica e da fenomenologia do filósofo francês auxiliam o historiador a compreender sua intencionalidade ao produzir histórias.

Em seu harmonioso capítulo, Renata Senna Garraffoni confessa sua busca constante por novas maneiras de escrever histórias. A pesquisadora dialoga com Carlo Ginzburg, Roger Chartier, Joan Scott, Neil Silberman e David Lowenthal para promover diferentes historiografias e problematizar “o que se entende por passado, documento e

escrita sobre o passado” (p. 339). A subversão da linguagem fomentada por Zumthor, Ginsberg, Kerouac, Deleuze e Guattari e a *geração beat* também são pontos de reflexão de Garraffoni. Daí minha escolha pelo adjetivo “harmonioso” para me referir ao trabalho de Garraffoni. Em sua escrita da história, a autora deseja congregar harmoniosamente historiadores e outros pensadores.

*Considerações sobre o tempo e espaço na produção da história das Forças Armadas Brasileiras* é o trabalho redigido por Márcia Pereira da Silva para este livro. Como o título sugere, a autora ressalta a importância das categorias tempo e espaço para o estudo historiográfico. Silva observa que a temporalidade da produção das fontes, bem como a do seu armazenamento e do lugar onde elas foram produzidas, trazem implicações para o ofício do historiador.

Por fim, Carlo Ginzburg nos oferece *Uma reflexão sobre o ofício do historiador nos dias de hoje*. Ao recordar o “desespero” de Marc Bloch ao lidar com o vocabulário das diferentes comunidades, Ginzburg nota que os historiadores precisam lidar com a ambiguidade semântica própria da língua humana. À luz deste problema, o autor sugere a micro-história como uma das maneiras de driblar esta questão. Entretanto, afirma que a micro-história também pode ser malfeita e que “nenhum método pode nos proteger de nossas limitações e erros” (p. 396). Um aviso de que gosto muito! Não há teoria ou metodologia infalível, cabe a nós sabermos utilizar estes recursos em benefício da escrita de histórias.

Como espero ter deixado claro nesta resenha, *Diversidades epistemológicas: a teoria aplicada à pesquisa histórica* é um livro rico em suas discussões sobre as formas plurais de se entender e escrever histórias. Representações, cultura política, relações entre passado e presente, conflitos políticos-religiosos, iconografia, historiografia e vários outros elementos receberam, nesta obra, abordagens de pesquisadores interessados em repensar seu ofício e o papel da própria História. Temos, em nossas mãos, uma prova de como esta disciplina é – ou deveria ser – plural. Este livro é um convite: historiadores de diferentes formações e áreas de especialidades se reuniram para refletir sobre a pesquisa histórica e produzir um material que gera questionamentos e reflexões essenciais àqueles que estão dispostos a revisar sua maneira de lidar com o passado e o presente e produzir novas histórias. Plurais, sim, sempre.